

[Manuscrito preparado para uma coletânea planejada em memória do Dov Tzamer, organizada pelo Dr. Avraham Milgram (Tito). Incluída na Bibliografia do Dror em <https://www.zotero.org/groups/dror-br> e acessível em [http://makash.org.il/dror/Paul\\_Singer\\_on\\_DovTzamer20161213](http://makash.org.il/dror/Paul_Singer_on_DovTzamer20161213), Agosto 2017]

## **Lembranças da amizade e do companherismo entre um socialista-judeu e um judeu sionista-socialista**

**Paul Singer**

Conheci Bernardo Cymeryng em 1948 em um momento de ambiente efervescente para os judeus, logo após a bem articulada votação na ONU de 29 de novembro de 1947, presidida pelo brasileiro Osvaldo Aranha, que aprovou a Partilha da Palestina sob Mandato Britânico em dois estados, um para os árabes e outro para os judeus. O reconhecimento internacional outorgou legitimidade para a criação do Estado de Israel que veio a ocorrer em 15 de maio de 1948.

Bernardo era sete anos mais velho do que eu, o que na época era uma diferença de idade expressiva; ele já um adulto em contraste com minha situação de adolescente novato recém-chegado não só à comunidade de jovens judeus como ao próprio sionismo pois, como minha formação judaica foi convencional, não desenvolvi tendência sionista. Na verdade, aos dezesseis anos de idade eu já apresentava interesse pelo socialismo. E afirmei isso em um artigo escrito para o jornalzinho editado pelo grupo do qual participei no Dror e declarei que não era sionista. E era sobre tal divergência a maior parte das discussões no nosso grupo, pois eu considerava necessário que nos posicionássemos ante o conflito aberto entre

árabes e judeus em função do sonho sionista recém-lançado nas comunidades judaicas

Já Bernardo era um sionista convicto de que a volta dos judeus à Eretz Israel era um fato consumado, o que o levou a se empenhar em tempo quase integral à criação de uma pátria mundialmente reconhecida no território da terra santa. Mas nossas opiniões distintas não impediram que nos aproximássemos, dispostos que estávamos a compartilhar nossas ideias.

O momento no qual nos conhecemos estava profundamente condicionado pela vitória dos Aliados sobre a Alemanha Nazista e boa parte dos judeus viam a criação de um Estado judaico como compensação pelo trágico extermínio da população judia europeia. Então não era estranho que os judeus sionistas tivessem vislumbrado diante de si a possibilidade de ter sua terra, de acordo com as promessas divinas registradas na Torá, soando aos judeus religiosos como o cumprimento da palavra de Deus.

Também os jovens foram contaminados por tal sentimento de ânimo, o que levou muitos adolescentes como eu a se transformarem em entusiastas da novidade de se criar, com forte apoio das grandes potências, uma pátria internacionalmente reconhecida para os judeus que viviam em diferentes partes do mundo, mas especialmente na Europa, América e na região onde seria estabelecido o Estado de Israel.

Bernardo Cymeryng foi uma das pessoas que embarcou nesta aventura de transformar um povo, que vivia espalhado ao redor do mundo e que era mal tolerado pelo auge do antissemitismo, em uma nação. E neste ambiente resolveu estimular a juventude brasileira judia, já organizada em comunidades como o Dror, a se

transformar em um movimento político com o objetivo de permitir aos judeus convertidos ao sionismo a tornar realidade a resolução da ONU, pois não bastava a criação do Estado de Israel, era necessário ocupar o território.

Aqui abro um parêntesis porque é importante ressaltar que o Dror não chegava a ser um partido político porque a maioria de seus participantes era composta por crianças e adolescentes; mas poderia ser considerado a juventude de um partido, no caso o Partido Trabalhista de Israel (MAPAI), que venceu as primeiras eleições realizadas tão logo a resolução das Nações Unidas reconheceu o Estado Judeu.

Assim o movimento do Dror em São Paulo, criado em 1945 e que já estava consolidado com cerca de mil e quinhentos membros, se converteu em um meio de formação de *kibutzim* que em algum momento imigrariam e se reuniriam em um *kibutz* em Israel, construindo uma comunidade socialista em terra israelense.

Bernardo e eu participamos ativamente da construção desta ideia; havia até um sítio na região de Jundiaí, no interior de São Paulo, no qual os jovens passavam um ano vivendo da maneira como deveria ser no *kibutz*, ou seja, em comunidade total com o compartilhamento dos bens materiais e sem a posse de dinheiro.

Como toda comunidade, haveria a necessidade de profissionais das mais variadas áreas. Faríamos parte da classe proletária em Israel, pois em um *kibutz* seriam necessários mais operários do que médicos, engenheiros ou advogados. Assim Bernardo convenceu muitos jovens para que ingressassem em cursos técnicos, o que levou alguns a abandonarem a universidade, gerando muitos conflitos familiares.

Já para mim não era estranho estar entre os proletários pois a origem de minha família é operária; os meus avós trabalharam em uma fábrica de pentes e minha mãe

foi costureira, profissão que exerceu desde quando chegamos ao Brasil e com a qual sustentou a família. Então decidi entrar na Escola Técnica e saí de lá como eletrotécnico.

Para além da formação técnica era necessária a formação teórica e esta é a melhor lembrança que tenho do período como drorista, tendo sido companheiro de pessoas muito talentosas, sedentas pelo conhecimento, leitoras vorazes de toda literatura possível sobre os temas mais variados como política, filosofia, história, economia. Entretanto, mais do que com os livros aprendíamos uns com os outros, especialmente com os mais velhos, como Bernardo, que atuavam como nossos guias. E todo este trabalho formador surtiu bom resultado e o primeiro grupo de jovens do Dror emigrou a Israel em 1950 e criou o *kibutz* que existe até hoje.

Chegado o momento de embarque da minha geração todos se prepararam para ir, mas não pude acompanhá-los. Como o *kibutz* aceitava parentes, esperava que minha mãe e meu padrasto fossem viver comigo em Israel. Mas minha mãe se recusou veementemente. E como para mim era inconcebível deixá-los, me vi diante de um dilema pessoal que mudaria o rumo da minha vida.

Tomada a decisão de não ir, foi necessário comunicá-la aos membros do movimento. Para isso convoquei uma reunião, mas não pude dizer a verdade, pois o fato de minha mãe não querer ir não era desculpa. Então disse apenas que não iria e argumentei que como nosso objetivo era lutar para que não houvesse outro holocausto, a maneira mais lógica para preservar a vida de judeus seria apoiar a esquerda e acabar com o antissemitismo e isso poderia ser feito no Brasil, mas apenas uma pessoa aderiu à minha ideia. Assim me vi obrigado a deixar o movimento, o que

foi sentido por muitos e mais ainda por mim, pois causou um vazio em minha vida; mas não houve ressentimento, exceto por parte de Bernardo.

Naquele momento ele já estava em Israel e soube da minha decisão através de uma longa carta que lhe enviei. Ele, no entanto, não aceitou minhas razões, pois as considerou como um chororô injustificado e me respondeu de maneira bastante ríspida, o que me levou a não contestar.

Refletindo a respeito desta história tanto tempo depois, reconheço que o que me levou a decidir a permanecer no Brasil, além do compromisso e responsabilidade com minha família, foi minha convicção pelo socialismo, que sempre me pareceu muito empolgante, tanto que passei a militar no Partido Socialista tão logo saí do Dror; ao passo que meu sionismo foi sempre muito superficial. E me ocorre que talvez tenha sido tal percepção que fez com que Bernardo se ressentisse de minha decisão.

Bernardo foi educado para se tornar sionista e lutar para que seu povo fosse livre e capaz de se defender de ameaças como a perseguição nazista; a luta contra o antissemitismo se tornou sua tarefa primordial, ou seja, trabalhar para que os judeus pudessem estar onde sua permanência fosse garantida e protegida pelo Estado; garantir-lhes a plena liberdade e todos os direitos necessários para que pudessem viver em paz, como qualquer outro cidadão.

O sionismo de esquerda protagonizado por Bernardo seria aceitável se se limitasse à defesa dos direitos do povo judeu, sem prejudicar o acesso de outros povos aos mesmos direitos, como aconteceu com os árabes, que também habitavam o território palestino, mas que não foram beneficiados com a criação de um país. Os

direitos dos árabes moradores em territórios palestinos deveriam ter sido respeitados, desde que não impedissem os judeus refugiados das ameaças nazistas de se estabelecerem pacificamente nos territórios vizinhos. O desrespeito, no entanto, fez com que os dois lados se tornassem adversários e surgisse o conflito que ainda hoje permanece.

Daí nossa grande divergência. Bernardo era tipicamente um sionista e para ele era imprescindível a criação do Estado Judeu. Já eu considerava o sionismo algo muito estreito e queria o socialismo, considerando como questão fundamental, em relação aos judeus, o direito de que fossem livres e pudessem viver onde bem entendessem.

Quando fui convidado a ingressar no Dror, não foi porque houvesse me tornado sionista, mas para ajudar Bernardo em seu projeto de transformar um *kibutz* egípcio malogrado em um *kibutz* brasileiro em Israel. Tínhamos então um acordo de amigos; deixei de lado minhas reservas ao sionismo e ele aceitou que o Dror passasse a ser um aliado do Partido Socialista, do qual eu já fazia parte. E assim, sem ser sionista, cheguei a Secretário-Geral de um movimento juvenil judeu, deixando-o apenas pela impossibilidade de atender à mudança para Israel.

Olhando em retrospecto, não me arrependo de nenhuma das minhas decisões. Mas há algo que me incomoda: o fato, de não ter havido oportunidade de dizer a Bernardo como foi importante conhecê-lo e ter sido por ele recrutado para participar do Dror, que foi para mim muito mais do que pertencer a um simples movimento de jovens judeus. O Dror foi responsável pela minha formação intelectual questionadora e crítica, definiu meu destino, fazendo de mim quem me tornei, pois quando sai de lá

já estava formado politicamente e isso foi graças ao movimento e seus membros mas, especialmente, a Bernardo Cymeryng.